

METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA EM SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE TAQUARUSSU – MS

Marthinha Aparecida Bachiega de Oliveira
Airton Arede

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
marthinha.bachiega@gmail.com
airton@uems.br

Apresentação

Muitos têm sido os desencontros entre professor e aluno em sala de aula. O que tem ocorrido na relação professor-aluno que tem dificultado tanto a aprendizagem no ensino de Geografia?

Ainda hoje, o professor é visto com transmissor de conhecimentos, cuja obrigatoriedade é saber tudo, e nesta relação a educação torna-se bancária e depositária, pois o aluno pouco participa, tanto da aula como da vida da instituição onde estuda. O conteúdo não raramente, é apresentado como algo compartimentado e alheio a vida prática do aluno e seu cotidiano.

Como o professor pode levar seu aluno a exercer sua cidadania em plenitude, levá-lo a ser crítico, reflexivo e ativo, no processo de construção da sociedade? Como fazer com que o professor seja notado como construtor de conhecimentos, como alguém que pensa como e no que faz? Muitas são as perguntas a serem respondidas, diante da atual conjuntura da educação, pois “[...] os grupos humanos transformam os espaços onde se instalam [...] a paisagem humanizada toma formas variadas que refletem escolhas e os meios das diferentes culturas”.(CLAVAL, 1999, p. 287).

A educação ainda é apontada como caminho para reconstrução da sociedade e de seus valores, o que pressupõe outra forma de processar a edificação do conhecimento, capaz de reconfigurar a convivência humana que é tão rica e infinita. Contudo, o que se tem notado são equívocos não somente a propósito do que é educação, mas principalmente no tocante a metodologia, que muitas vezes é confundida não só com suas partes integrantes, mas também com posturas e comportamentos.

[...] os alunos na escola devem é aprender melhor e por isso, o novo papel da escola deverá ser o de promover a aquisição de saberes e competências chave e de auxiliar a estruturar a grande diversidade de vivências exteriores em torno desses saberes e competências chave. (FIGUEIREDO, 1998, p. 2).

Esta problemática sobre a definição do que é metodologia, tem causado inúmeros problemas para o processo de ensino-aprendizagem, pois nota-se que o professor, muitas vezes, não foi devidamente preparado, ou lhe faltaram alguns conhecimentos concernentes à prática pedagógica, em que o aluno é o maior prejudicado, pois acaba se condicionando a um dado processo de ensino, deixando de enxergar quão lúdica e feliz pode ser a aprendizagem.

Esta reflexão busca promover a discussão sobre como tem se dado não só o processo de ensino, mas a formação do professor, durante sua vida acadêmica. Quais os valores e definições que lhe foram transmitidos, que práticas pedagógicas e mais precisamente como estas foram compreendidas.

3 - Educação e ensino da Geografia

Tendo como ponto de partida essa reflexão, a pesquisa, realizada através do método da hermenêutica¹, procura investigar o que é metodologia, como o professor a define e a aplica em sala de aula. A pesquisa se constitui na observação e entrevistas desenvolvidas com professores de Geografia, da E. E. Martinho Marques, e E. M. Irene Linda Ziole Crivelli, do município de Taquarussu – MS, realizadas no primeiro semestre de 2007.

Esta pesquisa pode incentivar a reflexão sobre o que é metodologia, e como ela tem sido aplicada ou definida ao longo do processo de ensino, bem como suas partes integrantes e seu relacionamento com o ensino de Geografia, enquanto ciência transformadora. Este trabalho busca ainda, conjecturar sobre a relação da Geografia enquanto ciência relacionada à experiência e a fundamentação teórica que a ampara, permitindo a compreensão dos resultados conseguidos através da investigação.

Ao pesquisar sobre a ciência geográfica é importante destacar a importância de se compreender sua trajetória, inicialmente compartimentada, e pautada nos interesses dos estados dominantes e posteriormente, a busca por um conhecimento mais democrático, capaz de levar ao exercício da cidadania, enquanto ciência a serviço da vida, que leva a outra forma de ver a educação, baseada na confiança de que é possível reconfigurar este mundo, tornando-o melhor para todos que nele habitam.

Dentro desta perspectiva se demonstra o quanto é necessária uma reestruturação, das grades curriculares, tanto da Educação Básica como do Ensino Superior, como forma de melhorar o processo de ensino-aprendizagem, moldando-a.

Ao buscar subsídios para a pesquisa procura-se entender o que é metodologia, e suas partes integrantes, como forma de compreender como ela tem sido entendida pelos professores ao longo do exercício da docência.

Também são feitas algumas considerações a respeito de como a reflexão sobre o que é metodologia tem influenciado na relação professor-aluno, comprometendo a aprendizagem, bem como sua influência no interesse dos alunos no tocante as propostas da disciplina.

Procura-se relacionar, no processo de pesquisa, a formação do professor e o modo como ele aplica o que aprendeu durante a vida acadêmica dentro do espaço escolar, e seus reflexos na educação de hoje, enquanto modo conteudista de educar.

Também é evidenciada a questão econômica e a falta de atualização do professor, refletindo sobre os diferentes papéis exercidos por ele, suas mazelas, e ainda propiciar uma reflexão sobre a necessidade de um ensino de qualidade para que se possa enfrentar os obstáculos presentes no processo de ensino e aprendizagem.

¹ Para Schleiermacher, principal defensor deste método, a *hermenêutica* não visa o saber teórico, mas sim o uso prático, isto é, a práxis ou a técnica da boa interpretação de um texto falado ou escrito. Trata-se aí da "compreensão", que se tornou desde então o conceito básico e a finalidade fundamental de toda a questão *hermenêutica*. Schleiermacher define a hermenêutica como "*reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso*". Compreensão é apreensão de um sentido, e sentido é o que se apresenta à compreensão como conteúdo. Só podemos determinar a compreensão pelo sentido e o sentido apenas pela compreensão. Toda compreensão é apreensão de um sentido. Schleiermacher faz distinção entre compreensão divinatória e comparativa: *Compreensão comparativa*: apóia-se em uma multiplicidade de conhecimentos objetivos, gramaticais e históricos, deduzindo o sentido a partir do enunciado. *Compreensão divinatória*: significa uma adivinhação imediata ou apreensão imediata do sentido. (MORA, 2001, p.332).

3 - Educação e ensino da Geografia

Na última etapa ocorre uma reflexão sobre as falas dos professores entrevistados, relacionando-as com a fundamentação teórica e o ensino de Geografia, discutindo sobre os pontos relevantes encontrados durante o processo de análise, e em seguida a avaliação desta pesquisa.

ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A METODOLOGIA

É preciso não deixar de sonhar, de querer um mundo melhor, com cidadãos críticos, capazes de enxergar além do horizonte que os olhos alcançam, e para que este sonho possa se tornar uma realidade é preciso esforço, dedicação e luta, na reformulação de conteúdos, na adoção e busca de práticas pedagógicas, na construção da sociedade com a qual sonhamos.

“A tarefa fundamental da educação, da escola, ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento, é formar cidadãos, portanto contribuir para que as pessoas possam atuar criativamente no contexto social de que fazem parte, exercer seus direitos e, nessa medida, ser, de verdade, pessoas felizes.” (RIOS, 2003, p. 26).

Por onde é que tem andado o aluno sonhador que existe dentro de cada professor, sempre exercendo os mais variados papéis na peça de teatro da aprendizagem, ora pai, ora mãe, ora psicólogo, ora amigo, ora palhaço, ora médico, sendo ciência e paciência, sempre despertando a magia do saber, ensinando e aprendendo, abrindo caminhos e estimulando o desejo de ser de seus alunos. Sempre saindo de cena, sem sair do espetáculo, pois a cada turma que sai fica a saudade e a cada turma que chega a certeza da construção de um novo amanhã. Por onde anda este professor? Está aqui, atado a uma formação muitas vezes equivocada, desvalorizado, ou sem condições de exercer sua doce e sábia profissão, impedido de realizar a prática de ensino eficaz e lúdica, e em muitos casos deixando de sonhar com um mundo melhor.

Para Santos (2004, p.20)

O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. É isso, aliás, o que une as diversas disciplinas e o que para cada qual, deve garantir, como uma forma de controle, o critério da realidade total.

Mas o que está fazendo com que os nossos professores deixem de sonhar, de exercer a sua prática de ensino lúdica e promotora da cidadania? A proposta aqui é tentar encontrar e defrontar os motivos ou causas, sobre as quais estes equívocos têm se construído ao longo do processo de formação do professor até o exercício da docência, onde se nota um grande conflito à cerca do que é metodologia e suas partes integrantes, que constituem a problemática aqui analisada.

Tanto hoje como no decorrer da história questiona-se os objetos geográficos, que são aqui descritos por Santos (2004, p. 72):

[...] os objetos geográficos que interessam à Geografia não são objetos móveis, mas também imóveis tais como uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos [...] Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda a herança da história natural, todo o resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse externo, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma

3 - Educação e ensino da Geografia

exterioridade. O espaço dos geógrafos leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua, todos sem exceção.

E é neste lugar, dos objetos geográficos, o “mundo”, que o professor deve praticar o aprendido em sala de aula durante sua formação, o que varia de lugar para lugar, de professor para professor, de prática para prática, ou seja, de acordo com as realidades vivenciadas por cada educador em particular.

É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma. Cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. (SANTOS, 2004, p. 338-339).

No ensino de Geografia é essencial buscar o diálogo para intermediar as diferenças, a totalidade do conhecimento, para que se compreenda a grandeza e a riqueza da vida e o respeito à especificidade das disciplinas. Além disso, é importante criar e recriar outras metodologias e formas de vivências, apresentando como pressuposto que o conhecimento é construído pela humildade de aprender e de reaprender a cada dia e pela participação de cada um nessa construção. Acreditando na premissa de que a escola é um lugar específico e privilegiado para educar de forma coerente e cidadã, esse pode ser o espaço onde a Geografia possa ser construída com leveza e sutilidade, além da criatividade necessária para o desenvolvimento e crescimento humano, possibilitando a produção de saberes que conduzem à transformação do vivido.

A Geografia, na sua perspectiva metodológica, deve assumir uma postura de mudança, de repensar velhas formas de ver o mundo, de buscar novos sentidos para a existência humana, de resgatar a vida em todas as suas dimensões e de se assumir como parte integrante desta sociedade e responsável pelo seu futuro.

Nesta pesquisa encontramos alguns pontos principais, a metodologia, e como ela é vista e definida pelos professores em sala de aula, de acordo com sua experiência; a estruturação da formação dos professores entrevistados atuantes em sala de aula, sua prática de ensino e a realidade que os cerca, além das contribuições necessárias para uma outra forma de docência.

Em uma análise mais detalhada, das entrevistas² podemos notar os equívocos existentes quando se trata do debate do que é metodologia, dentro das percepções analisadas, quando **B** afirma: **“Nem sempre os conteúdos são úteis, pois aprendemos um bocado de coisas na faculdade que não são úteis, durante a profissão, não que não sejam importantes, mas não faz sentido ensiná-los aos alunos”**. Apesar de **B** enfatizar a importância de se ensinar dado conteúdo aprendido no ensino superior, é possível aferir que esses conteúdos poderiam, de uma forma diferente, serem trabalhados no âmbito da Educação Básica, ou seja, passa-se pela metodologia de ensino dos conteúdos

Fica óbvia a necessidade de uma forma mais benéfica da aplicação dos conteúdos didáticos na formação de nível superior, e no tocante à Geografia, fica clara a necessidade de uma melhor ligação entre os conteúdos aprendidos na vida acadêmica, com as práticas dos mesmos em sala de aula, o que nos leva a crer que não são todos

² Para salvaguardar a identidade dos professores entrevistados, eles receberam a denominação de letras do alfabeto.

3 - Educação e ensino da Geografia

que possuem a mesma visão do que é metodologia e sua funcionalidade, isso é comentado por A: **“A prática metodológica vai desde a forma como preparo minhas aulas, até mesmo aos recursos utilizados na aula efetivamente, e quanto ao processo de ensino aprendizagem ela influi em todos os sentidos, pois, através dela que descubro a melhor forma de ensinar meus alunos e fazer com que eles aprendam.”**

Numa breve abordagem da obra de Penteadó (2003), percebe-se a conotação da metodologia, visto que a autora defende a compartimentação metodológica de acordo com a série e a idade do educando, em que a mesma atinge um público alvo pré-definido anteriormente à preparação e organização, tanto dos conteúdos, bem como da forma como este será abordado. Para cada ano do Ensino Fundamental, deve-se ter uma abordagem metodológica diferenciada. Deste modo é de extrema importância pensar globalmente e agir localmente, visto que esta prática associada a metodologia de ensino que proporcionarão a efetiva mudança de padrões que, conforme Castrogiovanni:

significa entender como é o mundo, como se organiza, como vem se transformando, como age o capital, como se estruturam as grandes firmas, como acontece a produção, o destino da produção, a circulação, a informação e o papel que o estado assume numa economia e sociedade cada vez mais mundializados. Os lugares particulares se interligam entre si de forma seletiva e de acordo com os interesses locais, nacionais e/ou mundiais. O espaço concretiza todas estas relações, e torna-se fundamental estudar o particular, o local. (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 131).

Não obstante, são nítidos os equívocos sobre o que é metodologia nas falas do professores. Nota-se uma confusão quando se trata de definições, pois a mesma é confundida com posturas, técnicas, métodos e recursos, que como vimos anteriormente são partes integrantes da metodologia e não seus sinônimos. Isto pode ser notado na fala de C: **“Metodologia é o jeito que uso para fazer meus alunos aprenderem,[...]”**.

Contrastante com esta situação, nos deparamos ainda, com a questão da formação do professor que é notável a confusão a respeito do que é postura profissional e metodologia, como afirma B: **“A prática metodológica é a forma como me porto em sala de aula, o jeito como conduzo o conteúdo, ela influi principalmente nas notas do aluno, pois se ele aprende bem, vai ter boas notas.”** Dentro do aspecto analisado, sabemos que a postura faz parte da metodologia, porém não é sinônimo da mesma.

Em relação à valorização do professor não só financeiramente, mas também na esfera das dificuldades, quando a temática é atualização e aprendizagem de práticas pedagógicas para serem utilizadas na sala de aula, inúmeros são os professores, sejam de Geografia ou não, que exercem esta profissão, por não terem tido oportunidade de realizar outros projetos, e atuam na área da educação, em busca de sua sobrevivência, que não tem interesse em se atualizar.

Podemos notar uma defasagem curricular no âmbito do ensino superior, visto que o modo como sua formação se deu, deixou-se de suprir pontos significativos dentro do currículo prático, pedagógico e didático, o que não é culpa ou falha do professor, pois o mesmo fez seu curso dentro de suas possibilidades e meios oferecidos, o que não o defende da falta de atualizações. Porém diante da questão salarial, torna-se difícil fazer algum tipo de cobrança em relação a este quesito.

Tratando do papel da formação do professor, é interessante refletir sobre a fala de B: **“[...] acredito que às vezes, na graduação exageram na especificidade dos assuntos assim eles se tornam inúteis, na vida do professor de GEOGRAFIA.”** Isso pode ser constatado quando realização do estágio supervisionado, enquanto forma de

3 - Educação e ensino da Geografia

contato e aprendizagem, à cerca da realidade observada em sala de aula, e a maneira como se dá a relação ensino-aprendizado, e a relação espaço-tempo, entre os conteúdos teóricos da universidade e como prática a dos mesmos se concretiza.

Diante da constatação das diferenças e das especificidades que existem entre o conteúdo escolar e o acadêmico, propomos algumas considerações essenciais a uma reflexão sobre elaboração curricular. É necessário rever o currículo dos cursos de formação inicial para a docência, bem como incrementar a produção e a divulgação acadêmica das investigações que tratam do processo de adequação e seleção dos conteúdos e disciplinas para o ensino escolar. Esta seria uma forma de promover e facilitar a aproximação da produção do conhecimento e seu ensino escolar, o que resultaria em maior disseminação de artigos de divulgação em revistas para o professor da educação básica e em elaboração de livros didáticos e manuais de metodologia do ensino. (CARVALHO, 1992, p. 78)

Isso fica nítido na fala de C, quando foi perguntado da sua prática metodológica: “[...] **acho que por não ter feito estágio durante a faculdade tenho tantas dificuldades nisso, levei um tempo para aprender a colocar em ação o que aprendi, só que teoricamente na faculdade, e isso aconteceu quando notei que a forma como eu dava as aulas não fazia com que meus alunos aprendessem, pois suas notas caíram.**” Ou seja, nota-se uma preocupação com o aspecto quantitativo notas e não com o mais importante, a qualidade do ensino e da aprendizagem. Isso não condiz com o princípio da ciência que é a Geografia, o saber pensar o espaço, na busca da formação do cidadão, capaz de ter uma visão ampla do mundo e da sociedade.

Neste sentido, torna-se necessário uma releitura do que se tem feito e como tem ocorrido a aprendizagem em Geografia. Fica apropriado afirmar que é preciso uma urgente recriação ou reinvenção de formas a melhorar o processo de aprendizagem de Geografia, que busca a construção de uma sociedade mais justa e capaz de alterar as realidades desonestas que vivencia, como explicita Rios (2003, p. 130) “Construir a felicidade, na ação docente, é criar espaço, no cotidiano da relação pedagógica para a afetividade e alegria.”

Em outro aspecto é possível enxergar, na experiência docente, as falhas no processo de elaboração de correlação entre a realidade do professor e sua vivência, bem como sua formação. Na fala de B, com 16 anos de experiência docente, ele enfatiza que: **“Metodologia para eu é a forma como trabalho em sala de aula, o jeito como conduzo a aprendizagem dos meus alunos, só que entendo que metodologia também é o que uso para fazer meus alunos aprenderem.”**, demonstrando o quanto a formação, e experiência docente do professor são importantes, tanto para a educação como para a reestruturação do “ensinar”.

Freire (1993, p. 71) demonstra que a vivência

[...] é ainda o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.

Diante dos depoimentos e idéias arroladas anteriormente, a pergunta que nos cabe é: “como alterar este quadro o da formação universitária, prática docente na Educação Básica e Metodologia?” No entanto, sabemos que esta mudança só ocorre quando o professor dispõe dos meios e dos conhecimentos necessários. Por isso não é

3 - Educação e ensino da Geografia

uma resposta simplificada, de fácil elaboração ou compreensão. Existe todo um processo histórico que precisa ser revisto, reelaborado, tanto na formação do professor como na vida docente. O propósito a ser refletido é, como esta formação prejudica ou prejudicou, não somente a educação e os alunos, mas também o professor, enquanto mediador de conhecimento e licenciado em Geografia, enquanto ser humano que possuía perspectivas, sonhos e desejos a serem realizados, dentro ou fora da sala de aula, quando sua práxis foi construída dentro da vida acadêmica.

Para Freire (1999) a teoria não será identificada se não houver um caráter transformador, pois só assim estará cumprindo sua função de reflexão sobre a realidade concreta, que se dá através da práxis pedagógica,

“Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática.”
(FREIRE, 1999, p.43)

Fica nítida a desconexão entre os saberes adquiridos na universidade e a prática docente? O caminho se encontra na reelaboração das grades curriculares no ensino de nível superior, consistindo na reestruturação e reorganização não somente dos conteúdos e saberes à cerca da Geografia, mas também na recriação dos métodos e disciplinas pedagógicas aplicadas nos bancos da universidade, onde se relacionem os conhecimentos teóricos com a prática docente, de modo a produzir um conhecimento prático, que possa ser utilizado constantemente pelo aluno em diversas situações entende-se que, “É práxis porque esta, como atividade humana é a idealização consciente por parte do sujeito que se propõe a interferir, a transformar a realidade.” (PIMENTA, p. 46, 2005)

Pimenta (2005) aponta a necessidade “de que para saber ensinar não bastam a experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos” (2005, p. 24). Nesta afirmativa se torna explícito, o quanto a metodologia está relacionada com a prática e a didática, que podem levar ou não o aluno a aprendizagem, lhe apontando através deste conjunto, e da práxis, as melhores formas de aprender e utilizar o aprendido na vida cotidiana “[...] Os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem, [...]” (PIMENTA, 2005, p. 20)

Partindo da busca de um novo entendimento à cerca da metodologia e de suas características, é possível afirmar que somente as mudanças em grades curriculares não bastam. É preciso compreender que mais importante que estas, é o desejo do professor em relação a sua participação neste processo, que atinge não somente a sala de aula, mas a vida em si, a forma como este mundo e suas sociedades vão ser reconstruídas e reelaboradas, a partir da reflexão realizada hoje, que servirá como alicerce para a fundamentação de outras práticas e vivências.

Através do tema proposto e pesquisado, ficou evidente que é possível e viável, uma mudança, na prática pedagógica do ensino de Geografia, bem como nas grades curriculares de ensino superior. Esta se dará a partir do momento em que a sociedade, realizar atitudes concretas, buscar qualidade de ensino para todas as classes sociais, não diferenciando cor, raça, credo, ou classe social.

A reconstrução do saber requer cidadãos dispostos a mudar, a ampliar recursos e a reconfigurar a visão que se tem hoje da educação, já que a mesma possui os pressupostos de cidadania, justiça e igualdade social.

3 - Educação e ensino da Geografia

A pesquisa foi desenvolvida a partir de observações, feitas no cotidiano escolar, onde foram percebidos os conflitos nos discursos dos professores. Quando o tema era metodologia, foi notado um equívoco quando se tratava de estabelecer sua definição, o que levou a uma situação problema, tornando-se o tema de investigação, e posteriormente apresentando subsídios para a elaboração das questões utilizadas nas entrevistas.

A partir da situação problema e do questionário elaborado, foram realizadas as entrevistas, e a transcrição através de quadros-síntese. A análise foi feita através da hermenêutica, ocorrendo à interpretação das falas dos professores, que apontaram não somente os assuntos a serem investigados teoricamente, como também os caminhos que permeiam sua construção dentro da prática pedagógica do ensino de Geografia, partindo da formação do professor até sua prática docente.

As limitações em relação à base de dados, interpretados através da hermenêutica, se deu na esfera da coleta de dados, visto que somente três professores se dispuseram a participar das mesmas, fornecendo os subsídios indispensáveis, para que esta se concretizasse, o que restringiu o processo de interpretação dos dados. Porém, os mesmos, em grande parte, se mostraram suficientes, dentro da proposta desta pesquisa, cujo objetivo é explanar as distorções à cerca do que é metodologia e suas ramificações.

Esta análise investiga a conexão entre a realidade observada, em sala de aula, as temáticas apontadas especialmente pelos professores e suas vivências, mediada pela bibliografia citada, bem como pelos apontamentos deste trabalho. Torna-se perceptível as contribuições desta pesquisa enquanto forma de aprimoramento do exercício de ensino do saber geográfico, como ciência e como forma lúdica e agradável de aprender e ensinar.

Partindo da pesquisa teórica e prática, foi compreendido o que é a metodologia, bem como as suas partes integrantes, e observada a necessidade de se repensar o que é prática pedagógica e metodologia, visto que seu pressuposto é melhorar o processo de aprendizagem e funcionar como agente condutor do ensino, proporcionando diferentes formas de ensinar o mesmo conteúdo, pois cada aluno tem uma forma particular de aprender, e é isto que torna a docência tão particular e especial, e transforma o professor naquele que possui o conhecimento especializado na arte do ensinar.

Porém, isto também implica em aprender continuamente, através de seus alunos, ou mesmo de atualizações, e para tanto se devem estabelecer meios para que esta ocorra, independentemente dos recursos particulares do professor, mas que aconteça incentivada pelas instituições de ensino, onde gratuitamente haverá o enriquecimento e a reelaboração das práticas de ensino.

[...] formação de professores, ensinam-se teorias sociológicas, docimológicas, psicológicas, didáticas, filosóficas, históricas, pedagógicas, etc, que foram concebidas, na maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino nem com as realidades cotidianas do ofício de professor. Além do mais, [...] a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação. (TARDIF, 2004, p. 241).

Nota-se que estes equívocos são frutos da fragmentação ou insuficiência do ensino das disciplinas pedagógicas na formação do professor, o que torna necessária uma reestruturação das grades curriculares das universidades, com forma de melhorar a qualidade de ensino e preparação do professor para a vida docente, o que promoveria a busca de práticas pedagógicas que funcionariam como agentes criadores e recriadores do processo de ensino-aprendizagem.

3 - Educação e ensino da Geografia

Algumas considerações

Compete a sociedade, ou aos que tomarem conhecimento desta pesquisa, buscar uma interpretação das análises e probabilidades, visando uma recombinação dos valores, e reorganização do espaço escolar, no ensino de Geografia, como modo de ampliar o conhecimento prático, e torná-lo significativo fora do espaço escolar, transformando-o em aprendizado para a vida.

A procura de uma maior qualidade no ensino, tanto superior, como no denominado escolar, deve basear-se na reestrutura das grades curriculares dos cursos de nível superior, para que os futuros professores estejam melhor preparados para o exercício da docência, e compreendam como se dá a relação ensino-aprendizagem, de forma satisfatória e com alegria, dentro do que se idealiza como a maneira lúdica de ensinar e aprender.

É possível ver o choque existente entre teoria e prática, quando se trata do ensino de Geografia, pois, nem sempre os conteúdos aprendidos na formação acadêmica são harmônicos em relação aos utilizados na vida docente, o que implica na reestruturação de ambos, como forma de promover um melhor entendimento por parte do professor durante seu processo de formação, e seu uso prático na docência. Isto proporcionaria um entrelaçamento ou continuidade de saberes, que deixam não só de ser compartimentados, como passam a ser práticos e de grande importância funcional durante o processo de ensino.

Necessariamente parcerias terão que ser estabelecidas, no âmbito Universidade X Escola, como forma de facilitar este processo de transição, pois uma mudança curricular implica na reformulação e pesquisa de outros objetivos, métodos e conteúdos, que atingem ambas as instituições, o que não quer dizer que seja impossível, pois uma sociedade, quando esta consciente de seus direitos e deveres, luta por seus ideais e os transforma em realidade.

Todo este levantamento de dados e bibliografia, poderá ser utilizado em pesquisas futuras, tanto no que concerne aos saberes pedagógicos, como em relação a outros estudos sobre metodologia e suas perspectivas. Sua continuidade poderá ocorrer partindo dos pressupostos estabelecidos, no estudo detalhado e pormenorizado de cada um deles, bem como na visualização dos saberes pedagógicos, aplicados ao ensino de Geografia, como modo de compreender e reestruturar as relações professor-aluno e ensino-aprendizagem, visando uma melhoria significativa para a educação como um todo.

Referências

- CARVALHO, A. B. de. *Desencantamento do Mundo e Ação Pedagógica em Max Weber*. Marília-SP: UNESP – Marília, 1992.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULARTE, Ligia B (Ciências - Biologia); KAERCHER, Nestor André. SCHAFFER, Neiva Otero. *Um Globo em suas Mãos: práticas para a sala de aula*. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2003.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural: o estado da arte*. In: CORRÊA, R.L. et al (Org.) *Manifestações da Cultura no Espaço..* Rio de Janeiro-RJ, UERJ, 1999.
- FIGUEIREDO, A. D. *What are the big challenges of education for the XXI century: proposals for action*. 1.998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1.993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MORA, José Ferrater, [tradução FERREIRA, Roberto Leal e CABRAL, Álvaro] *Dicionário de Filosofia*. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. *Metodologia de Ensino de História e Geografia*. São Paulo, Cortez, 2003.
- PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 2005.
- RIOS, Terezinha Azerêdo, *Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: USP, 2004.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2.004;